

Helena de Souza Nunes
Organizadora

**EAD na Formação de Professores de Música:
Fundamentos e Prospecções**

Volume 1

GRÁFICA
Copiar
EDITORA

Tubarão - 2012



Presidenta da República

Dilma Vanna Rouseff

Ministro da Educação

Aloizio Mercadante

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor

Ruy Vicente Oppermann

Secretário de Educação a Distância

Sérgio Roberto Kieling Franco

Diretor do Instituto de Artes

Alfredo Nicolaiewsky

Chefe do Departamento de Música

Jocelei Cirilo Bohrer

Coordenadora do Curso de Licenciatura em Música EAD

Helena Müller de Souza Nunes

Comitê Editorial de Educação a Distância da SEAD/UFRGS

Lovois de Andrade Miguel

Mara Lúcia Fernandes Carneiro

Sérgio Roberto Kieling Franco

Silvestre Novak

Sílvio Luiz Souza Cunha

Helena de Souza Nunes
Organizadora

**EAD na Formação de Professores de Música:
Fundamentos e Prospecções**

Volume 1

 Licenciatura em Música modalidade EAD
Programa Pró-Licenciaturas do MEC

Programa Pró-Licenciaturas do MEC
Licenciatura em Música modalidade EAD da UFRGS e Universidades Parceiras

Capa: Sabrina Spritzer

Projeto gráfico e ilustrações: Pedro Steigleder Matzenbacher e Sabrina Spritzer

Diagramação: Lucas de Moura, Ricardo Gabriel Herdt, Rodrigo Schramm

Revisão de conteúdos: Clarissa de Godoy Menezes, Cláudia Elisiane Ferreira dos Santos, Dorcas Janice Weber, Felipe de Miranda Rebouças, Leonardo Nunes, Marília Raquel Albornoz Stein

Revisão de ortografia, gramática e padronização ABNT: Patrícia Regina da Costa

E11 EAD na formação de professores de música : volume 1 :
fundamentos e prospecções / Helena de Souza Nunes
organizadora ; colaboradores Adriano Almeida Oliveira ...
[et al.] -- Tubarão : Copiart, 2012.
320 p. il. color. ; 23 cm.

ISBN 978-85-99554-77-7

1. Música na educação. 2. Música – Instrução e estudo.
3. Ensino a distância – Brasil. I. Nunes, Helena de Souza.

CDD (21. ed.) 371.33

Elaborada por: Sibele Meneghel Bittencourt – CRB 14/244

Avaliação como Elemento Formativo no Eixo Execução Musical

*Helena de Souza Nunes*⁸⁵

*Clarissa de Godoy Menezes*⁸⁶

*Gerson de Souza*⁸⁷

*Leandro Libardi Serafim*⁸⁸

*Ramon Stein*⁸⁹

Caracterização do Eixo e da Equipe

O eixo de Execução Musical da matriz curricular do PROLICENMUS foi constituído por quatro interdisciplinas, com oito créditos (120 horas) cada, organizadas da seguinte forma: Espetáculos Escolares (oferecida nos 1º e 2º semestres, para todas as turmas), Repertório Musicopedagógico (oferecida nos 3º e 4º semestres, para todas as turmas), Conjuntos Musicais Escolares (oferecida nos 5º e 6º semestres para as turmas A, B e C, principiantes em Música, por ocasião do ingresso no curso, e nos 7º e 8º semestres para as turmas D, E e F, já músicos com conhecimentos informais até bacharelados) e Música Aplicada

⁸⁵Doutora em Música (Musikpädagogik und Ihre Didaktik. Dortmund Universität, 1999). Professora Associada do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS. Professora do PROLICENMUS no eixo de Execução Musical. Coordenadora do PROLICENMUS.

⁸⁶Especialista em Artes e Educação Física (UFRGS, 2008). Tutora de Repertório Musicopedagógico, Conjuntos Musicais Escolares e Música Aplicada. Músico de Mídias Digitais do PROLICENMUS.

⁸⁷Licenciado em Música (UFRGS, 2010). Tutor de Sistemas de Organização Sonora, Conjuntos Musicais Escolares e Música Aplicada. Músico de Mídias Digitais do PROLICENMUS.

⁸⁸Licenciado em Música (UFRGS, 2011). Tutor de Conjuntos Musicais Escolares e Música Aplicada. Músico de Mídias Digitais do PROLICENMUS.

⁸⁹Bacharel em Música - Habilitação em Clarinete (UFRGS 2009). Tutor de Música Aplicada e Conjuntos Musicais Escolares. Músico de Mídias Digitais do PROLICENMUS.

(oferecida de modo alternado com Conjuntos Musicais Escolares, nos 5º e 6º semestre para as turmas D, E e F; 7º e 8º para as turmas A, B e C). O nome do eixo se justifica, porque a ênfase foi dada ao fazer musical dos alunos do PROLICENMUS e, por intermédio deles, projetado sobre seus próprios alunos nas escolas. Naturalmente, nas interdisciplinas do eixo Execução Musical se buscou oportunizar e incentivar o desempenho musical baseado em habilidades técnicas; contudo, prioritariamente, buscou-se subsidiar os alunos para desenvolverem sensibilidade avaliativa, capacidade crítica, e visão ampla sobre formas e espaços de realizações artístico-musicais. Sobre tais bases, intentou-se despertar e alimentar neles o desejo de, ao comparar suas próprias capacidades com referenciais estabelecidos por obras e artistas consagrados, direcionar e explorar expressivamente o conjunto dessas suas habilidades técnicas, independente de seu nível de sofisticação já alcançado.

A equipe do eixo foi composta, no decorrer dos oito semestres, por dez professores focados em temas distintos e com intensidades diferenciadas de atuação, conforme características e interesses particulares: Helena de Souza Nunes, sempre como coordenadora, Augusto Fonseca Maurer, Caroline Soares de Abreu, Círio Simon, Dorcas Weber, Jocelei Cirilo Soares Bohrer, Joel Luis da Silva Barbosa, Rodrigo Schramm, Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo, Luciano Zanatta e Vilson Gavalhão de Oliveira. Também atuaram no eixo cinco Tutores na Universidade: Clarissa de Godoy Menezes (ao longo de todos os semestres), Gerson de Souza (dois semestres de 2011), Leandro Libardi Serafim (quatro últimos semestres), Luana Zapata (dois semestres de 2010) e Ramon Stein (dois semestres de 2011). De forma indireta, atuaram ainda dois técnicos de áudio e vídeo, Leandro Spencer Chaves (dois semestres de 2010) e Pedro Steigleder Matzenbacher (dois últimos semestres); um técnico em computação, Lucas de Moura, e uma designer, Sabrina Spritzer (ao longo de todos os semestres); e eventualmente outros profissionais, consultados esporadicamente sobre questões específicas, como os professores Annamaria Piffero Rangel e Fernando Lewis de Mattos, além do tutor Felipe Rebouças.

Recorte Narrativo e Analítico

A produção resultante do eixo de Execução Musical, desenvolvida em autoria colaborativa por professores e tutores, reflete a diversidade da equipe, assim como o grande número de participantes. Por esta razão, há muitos modos de constituir uma narrativa sobre a elaboração, utilização e resultados dos produtos deste eixo, fazendo-se necessário eleger um recorte que corresponda representativamente às ideias desenvolvidas. Opta-se, então, por evidenciar a

linha condutora do pensamento do eixo através da narrativa das avaliações realizadas. Considerando-se, que o conceito de cada aluno era obtido com base no seu desenvolvimento no decorrer de todo o semestre, apresentar-se-á neste texto uma síntese do processo avaliativo do eixo de Execução Musical. O processo avaliativo discente do PROLICENMUS foi estruturado em três níveis distintos, quais sejam: (1) Nível N1, que refletia o processo de estudo individual do aluno ao longo do tempo, utilizando-se de instrumentos previamente aprovados pela Comissão de Graduação (COMGRAD) e disponibilizados no Moodle, com vistas à verificação quali-quantitativa de aspectos como comprometimento, pontualidade e assiduidade; (2) Nível N2, evidenciando aspectos qualitativos de apreensão e aproveitamento crítico-criativo dos conteúdos estudados em cada uma das interdisciplinas, medido por intermédio da entrega de trabalhos e realização de provas presenciais; e (3) Nível N3, atribuindo valoração a competências em apresentações musicais e musicopedagógicas públicas, individuais e/ou coletivas, de tal forma que fosse possível comprovar resultados práticos de seus estudos e/ou pesquisas, principalmente, naqueles vinculados ao que lhe é exigido enquanto professor com atuação efetiva em seu contexto escolar.

Em dois desses níveis, era possibilitado ao aluno recuperar conceitos que, eventualmente, tivessem sido insuficientes. Assim sendo, como recuperação de N1 lhe era dada uma nova oportunidade para refazer trabalhos com rendimento insatisfatórios, e eventual conceito de reprovação na N2 poderia ser substituído mediante nova oportunidade de realização da prova ou trabalho final; apenas o conceito N3, por ser atribuído a todo o polo por ocasião do SIP realizado uma única vez por semestre, não era possível de ser recuperado. No sistema de avaliação do PROLICENMUS a concretização e a valoração final do desempenho de cada aluno, traduzida em conceito de reprovação (D) ou aprovação com três graus de qualidade (A – excelente, B – bom, e C – suficiente) em cada interdisciplina, advinha desses três níveis de avaliação. Caso o aluno não alcançasse pelo menos o conceito C, poderia solicitar uma nova oportunidade, realizando uma prova de pendência, no semestre subsequente (NUNES; RANGEL, 2006; NUNES; WEBER, 2012).

Dado esse modelo de três níveis, os alunos foram avaliados no eixo de Execução Musical mediante procedimentos de complexidade crescente, a qual está discutida neste texto por intermédio de um recorte descritivo das propostas de avaliação N2. A análise dos resultados formativos e performáticos dos alunos, observados pela equipe do eixo, nas atividades que conduziram à N1, por sua vez resumidas nas atividades solicitadas como questões da N2. Assim, abordar explicitamente as formulações das diferentes provas de N2 implica obter

um panorama de todos os processos de ensino e avaliação desenvolvidos. Cabe lembrar que outro recorte significativo seria a narrativa das ações para obtenção do conceito de N3, em grande parte conduzidas e sustentadas por este eixo; porém, optou-se por deixar este assunto para uma outra oportunidade, devido à grande influência das demais interdisciplinas na elaboração dessas atividades avaliativas de caráter coletivo do polo.

No contexto restrito do eixo Execução Musical, por princípio a avaliação foi considerada como parte integrante da formação individual de cada futuro professor de Música, e não apenas um ato de verificação de nível frente a um gabarito e/ou em comparação com seus pares, fosse ele de conteúdos ou de padrão de comportamento. Tal avaliação, além de medir o desenvolvimento de cada aluno frente ao proposto e esperado num determinado instante e sob determinadas condições, teve a função de proporcionar a ele aquisição de novos conhecimentos, constituindo-se assim num importante momento de aprendizagem individual. Decorrência direta e imediata disso é não entender a ação avaliativa como punição ou prêmio, mas como uma oportunidade de olhar para si mesmo e verificar o quanto lhe falta para alcançar um objetivo desejado e, considerando tentativas frustradas (e até mesmo não tentativas) frente a iniciativas bem sucedidas, por quais caminhos o êxito pode ser ainda alcançado. Apesar disso, a avaliação em seu momento derradeiro também buscou cumprir a missão de declarar aprovados apenas aqueles, que efetivamente atingiram um perfil de egresso previamente estabelecido.

Na perspectiva da formação de professores de Música, o termo Execução Musical assume significado mais abrangente do que aquele habitualmente conhecido. Não basta a boa qualidade artística individual; é preciso saber colocá-la a serviço de uma coletividade protagonista. Na docência, o foco não está naquilo que o professor é capaz de executar; mas naquilo que ele consegue dar suporte para que seus alunos executem. Assim, o objetivo deste eixo foi desenvolver habilidades musicais e pedagógicas do professor de Música em formação, para que este possa desempenhar com expressividade e consciência, tanto de conteúdo musical como pedagógico, o canto individual e coletivo acompanhado por instrumento musical harmônico, que no caso desta edição do curso foi teclado ou violão. Portanto, o foco não está na execução instrumental virtuosística em si, embora tal virtuosismo seja qualificador do desempenho artístico-musical desejado deste docente. As interdisciplinas do eixo Execução Musical são assim denominadas por se compreender que execução musical para um professor de Música não é a *performance* instrumental nem vocal em si, mas a relação entre esta e as múltiplas ações pedagógicas necessárias à construção do conhecimento específico e à promoção do indivíduo.

Espetáculos Escolares

A primeira interdisciplina do eixo Execução Musical, oferecida nos dois primeiros semestres do curso, foi Espetáculos Escolares, cujos conteúdos foram propostos sob a perspectiva do conceito de espetáculo proposto na obra *Sociedade do Espetáculo* (DEBORD, 1997). Suas unidades de estudo tinham basicamente o formato de textos com hiperlinks para ilustrações em vídeos, imagens, sites, e outros textos mais aprofundados sobre o assunto abordado. Tais textos eram curtos, diretos e de caráter prioritariamente informativo, com ênfase na contextualização geral e na ampliação de informações anteriores do aluno sobre os conteúdos apresentados. Conforme consta no link Introdução do menu desta interdisciplina, na plataforma Moodle, o objetivo de Espetáculos Escolares foi:

[...] compreender as produções artísticas no, do e para o espaço escolar como sendo molduras para a construção de conhecimento, incluindo os períodos de sua elaboração e desenvolvimento, a apresentação de seus resultados finais, as possibilidades de transferência didática e a avaliação do processo em seu conjunto, ampliando progressivamente a visão das possibilidades pedagógicas nelas inseridas (PROLICENMUS, 2008a).

Tal objetivo foi buscado por intermédio de conteúdos, que compreenderam estudos sobre:

[...] as etapas e os elementos que envolvem os espetáculos de diferentes linguagens artísticas, abordando também seus ambientes, processos históricos e funções. Produções e apresentações artísticas e mídias; noções sobre mercado cultural, captação de recursos e elaboração de projetos; adaptação de ambientes para a realização de espetáculos na própria comunidade; e estrutura educativa transdisciplinar em Arte [...]. Discute-se, assim, de forma transversal, conceitos, expectativas, funções, formatos, contextualização e transferências didáticas relacionadas ao ensino de Artes na Escola Básica, com foco especial em Música (PROLICENMUS, 2008a).

Percebe-se, pela leitura de objetivos estabelecidos e conteúdos abordados, que esta interdisciplina teve claro enfoque no desenvolvimento da consciência sobre as relações entre produção e recepção artística, espaços escolares e possibilidades pedagógicas advindas da exploração destes materiais, devidamente compreendidos e amplamente contextualizados.

De modo coerente, a avaliação de N2 de 2008/1 foi constituída por prova objetiva, com quinze questões, relacionadas ao conteúdo de cada uma das unidades de estudo. Em cada questão havia o enunciado em forma de texto e um exemplo de áudio, vídeo ou imagem, que ilustrava os assuntos estudados no semestre. As alternativas de resposta se referiam ao exemplo lincado. As provas foram feitas em formato de slides, de modo que pudessem ser projetadas em cada polo e lidas simultaneamente por toda a turma. As respostas eram marcadas, também ao mesmo tempo, em grades de respostas individuais. Assim, a prova iniciou e terminou no mesmo tempo, para todos. O enunciado da prova e as alternativas de respostas, já em formato final de slide, foram enviados aos alunos antecipadamente, e os exemplos foram disponibilizados apenas no momento da aplicação de prova. Com isso, os alunos poderiam estudar lendo a questão e buscando resposta para ela em todos os exemplos disponibilizados ao longo do semestre, ampliando seu repertório de apreciação artística. Estudar para a prova representou, então, rever os exemplos disponibilizados nas unidades de estudo, fazendo relações com os conteúdos propostos. Por outro lado, sem que soubessem qual exemplo seria utilizado em cada determinada questão, acabavam por desenvolver critérios genéricos de identificação dos elementos apontados na formulação da pergunta. Neste formato de elaboração de enunciados, todas as questões continham respostas certas, cabendo ao aluno identificar a qual exemplo se referia. Deste modo, os alunos exercitaram a capacidade de compreender e relacionar contextos artísticos com propostas pedagógicas sem correr o risco de apenas decorar definições.

No semestre seguinte, 2008/2, a proposta avaliativa de N2 teve por foco a elaboração de uma proposta de projeto cultural. Neste projeto, com base em edital e formulários de uma empresa real, cada aluno deveria propor um projeto próprio e que estivesse de acordo com os interesses e necessidades culturais da comunidade em que ele, como professor, estivesse inserido. De modo interdisciplinar teve início aqui o estudo de conteúdos, que num currículo mais tradicional fazem parte de disciplinas como Metodologia Científica, por exemplo. Por intermédio de um projeto cultural aplicado se pode introduzir o estudo sobre elaboração de projetos de uma forma abrangente, dando início a um percurso que culminou com os planos de ensino de Estágio Curricular Supervisionado (projeto de Ensino), o Recital de Formatura (projeto de Extensão) e o próprio Trabalho de Conclusão de Curso (projeto de Pesquisa). Cabe salientar que, motivados e capacitados por esta aprendizagem, diversos alunos efetivamente encaminharam candidaturas e foram selecionados em editais importantes e concorridos, como os da Petrobrás, da Funarte, do Ministério da Cultura e outros, ampliando o conceito de aula de Música na Escola Básica e rompendo com

preconceitos que distanciam os espetáculos artístico-culturais e educacionais do âmbito da escola.

Repertório Musicopedagógico

Seguindo o mesmo formato de textos com hiperlinks para suas unidades de estudo, no segundo ano de curso, o eixo de Execução Musical teve por enfoque o aprofundamento no conteúdo proposto no primeiro ano; desta vez, todavia, mais especificamente voltado para o desenvolvimento do repertório necessário ao professor em sala de aula. O termo repertório aqui é compreendido de modo expandido, se relacionando tanto com o material musical, quanto pedagógico, como é possível observar a partir da leitura da tela Introdução, no menu desta interdisciplina no Moodle:

Repertório Musicopedagógico reunirá temas relacionados à prática musical do canto na escola. Serão estudadas obras vocais, assim como serão analisados procedimentos metodológicos e didáticos de vários tempos e lugares, todos tendo em comum a prática vocal escolar e o canto de caráter educativo (PROLICENMUS, 2009).

O objetivo desta interdisciplina em seus dois semestres foi

[...] oferecer repertório para a escola, contextualizando-o e praticando não apenas sua realização vocal, mas explorando todos os seus recursos favoráveis ao desenvolvimento dos alunos. [...] E, mais do que isso, se procurará mostrar aos professores que, caso o repertório ideal não esteja a seu alcance, é possível criá-lo. Então, se aprenderá sobre princípios de composição de canções [...] (PROLICENMUS, 2009).

A avaliação N2 de 2009/1 ocorreu à semelhança da avaliação de 2008/1, ou seja, um conjunto de questões com alternativas de resposta tipo escolha simples, cujos enunciados foram enviados previamente aos alunos e os exemplos sobre os quais seriam respondidos, disponibilizados apenas no momento de realização da prova. Buscando tornar o processo de aprendizagem subjacente a esta avaliação mais sofisticado em relação ao anterior, foi incluída uma única questão, cuja resposta correta não estava em apenas uma alternativa. Tal questão de prova indagava pelo aspecto de um determinado filme estudado, com o qual o aluno mais se identificava. Obviamente, nesta questão todas as respostas estavam potencialmente corretas; contudo, gerou grande polêmica. Esse

era precisamente o objetivo, pois assim foi possível problematizar com todos os alunos, tópicos de reflexão pertinentes à docência e à Arte, em particular, tais como: os olhares e entendimentos sobre um mesmo objeto de observação são distintos para diferentes pessoas e em diferentes momentos; todas as interpretações são válidas desde que argumentadas; todos sabem algo de um conteúdo proposto e ninguém é *tabula rasa*; olhares semelhantes geralmente, mas não sempre, encontram explicações semelhantes; interpretações semelhantes provavelmente promovam formação de grupos de identidade, enquanto interpretações distintas tendem a gerar grupos hostis entre si; questões de prova com respostas encontradas por todos, ou por ninguém, não têm valor discriminativo em concursos, por exemplo; questões de prova com respostas inócuas tem fraco poder avaliativo; e... a vida nos reserva surpresas algumas vezes desconcertantes.

O segundo semestre de Repertório Musicopedagógico teve por foco o desenvolvimento de habilidades musicopedagógicas práticas relacionadas à leitura, à interpretação e à composição de canções escolares acompanhadas. Os produtos considerados para a avaliação N2 foram: (1) releitura vocal de uma canção indicada, cuja base instrumental fora previamente oferecida; e (2) entrega de partitura e gravação com arranjo instrumental produzido em grupo, de canção escolar própria, seguindo os princípios composicionais CDG estudados no decorrer do semestre. Para a devolutiva desta avaliação foi utilizada uma planilha, na qual as colunas correspondiam aos tópicos de avaliação e as linhas traziam os nomes dos alunos. Esta planilha continha duas abas, cada uma contemplando um conjunto de critérios distintos, já que a primeira se referia à releitura de canção e a segunda, à composição própria. Na aba dedicada à releitura de canção dada (vide Figura 13.33a), foram considerados cinco tópicos avaliativos, cada um com subtópicos correspondentes: arranjo (solo, coro, vozes femininas e/ou vozes masculinas); uso da voz (falada e/ou cantada); efeitos (onomatopeias e/ou ruídos do corpo); releitura com tentativas de melhoria (sim ou não, uma vez que os alunos tiveram mais de uma oportunidade para entregar diferentes versões do material apresentado). Todos os tópicos da avaliação correspondiam a conteúdos trabalhados no decorrer do semestre, tanto sob forma expositivo-explicativa como orientadora de práticas, apresentados respectivamente nas telas Conteúdos e Materiais de Apoio, e Atividades, das unidades de estudo. Ao verificar o material entregue por cada aluno, os avaliadores deveriam assinalar com um X no campo correspondente da tabela, aquilo que era verificado. Já pelos nomes dados aos tópicos e subtópicos da ficha de avaliação utilizada é possível perceber, o que de fato ocorreu naquele momento: nenhum deles se refere à qualidade final do produto apresentado, mas apenas à capacidade do aluno em atender às solicitações feitas, que se referiam à exploração de recursos possíveis ao discurso musical, evidenciando o início de um

processo de apropriação e utilização do material de ensino oferecido nesta e em outras interdisciplinas do curso.

Seguindo, basicamente, o mesmo princípio de verificação da capacidade de concentração e empenho em se apropriar de conteúdos e realizar atividades, conforme apresentados nas unidades de estudo, a outra aba (vide Figura 13.33b), referente à avaliação da canção própria, teve quatro tópicos com seus respectivos subtópicos. Os dois primeiros, que eram entrega de arquivo com gravação (sim ou não) e entrega de partitura (sim ou não) se reduziam a verificar o simples atendimento da tarefa. O terceiro tópico já continha um componente qualitativo, qual seja, a verificação da correspondência entre os dois arquivos anteriores (partitura confere com a gravação, sim ou não); contudo, bastava tratar-se, sim, da mesma peça, indiferente ao fato de estar tudo corretamente grafado. Por fim, o quarto tópico de avaliação, este referente ao todo da peça, verificava aspectos quantitativos e qualitativos, com os seguintes subtópicos: (1) extensão da peça (número de compassos e de páginas); (2) título e dados do compositor (sim ou não); (3) partitura de canção (estruturada e musicografada em *software* editor); (4) caráter (explicitado ou ignorado, executado de acordo no arquivo gravado ou não); e (5) escrita para voz (uso correto de claves e altura confortável à voz). Destes, apenas o subtópico Caráter tinha por objetivo medir com rigor a qualidade do conteúdo musical apresentado, verificando se havia clareza no caráter proposto e executado por eles, para que futuramente tal clareza fosse base consistente do desenvolvimento de processos expressivos, considerados fundamentais para o desenvolvimento da musicalidade. Contudo, a presença ou ausência desse e de todos os demais tópicos e subtópicos foi considerada relevante, convertendo-se em componentes para obtenção do conceito final. O objetivo aqui, ampliando o da anterior, foi também apontar para questões qualitativas, incentivando a reflexão e a crítica, além da atenção e prontidão para o entendimento e atendimento de solicitações feitas.

Consoante com o que consta no documento redigido pela professora coordenadora da interdisciplina, em fevereiro de 2010, e disponível no Moodle⁹⁰, relativo às observações gerais sobre a N2 de 2009/2, a avaliação teve de ser reelaborada. Esta avaliação, focada com tanta ênfase no cumprimento de solicitações e não na qualidade do conteúdo em si, não havia sido deliberadamente planejada assim. A ideia original era dividir meio-a-meio os enfoques qualitativos e quantitativos; porém, foi adaptado em função da percepção docente e das tutorias, de que, caso o conteúdo musicopedagógico trabalhado durante o semestre fosse mais exigido, conforme inicialmente previsto pela equipe, haveria uma quantidade muito grande de alunos reprovados. Decidiu-se então, unica-

⁹⁰ <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/resource/view.php?id=67946>>

mente por essa razão, flexibilizar a avaliação neste segundo ano, reformulando abordagens previstas para o ano seguinte, em que os alunos estariam divididos em duas interdisciplinas distintas, Música Aplicada e Conjuntos Musicais Escolares, nas quais se teria maiores oportunidades para sanar dúvidas e recuperar defasagens específicas de conhecimentos musicais. Pode-se dizer que, ao longo deste segundo ano letivo, a grande aquisição intelectual feita pelos alunos foi referente à concentração e prontidão de uma forma geral; conhecimentos rigorosamente musicais inicialmente previstos tiveram que ser postergados.

Por um lado, foi uma decisão adequada, no sentido de possibilitar a permanência de muitos alunos no curso, os quais, caso fossem reprovados, entrariam em processo de desligamento e seriam excluídos desta oportunidade de formação, estando ainda na metade do percurso previsto. Por outro, tal decisão acabou se evidenciando também como o toque inicial de uma avalanche de problemas, como será visto a seguir. Sustentaram a posição docente de naquele momento diminuir o rigor da avaliação para com isso favorecer as aprovações, os argumentos de que o Pró-Licenciatura tinha também caráter de formação continuada de professores em exercício, além de também já estar totalmente financiado. Portanto, aceitar permanecer atendendo alunos, que já deveriam ter sido excluídos, constituiu-se naquelas circunstâncias numa decisão de uma certa forma otimista, persistente e, por que não dizer, generosa: de fato, acreditou-se que, recebendo nova oportunidade, os alunos com conhecimentos defasados conseguiriam recuperá-los, o que ocorreu com vários. Em outros casos, em contrapartida, o procedimento foi mal compreendido, à medida que utilizaram tal estratégia de aprovação forçada como argumento para se sentirem enganados, quando posteriormente, sem terem logrado êxito nesta chance para recuperação, foram reprovados e perderam suas matrículas. Estudos mais aprofundados ainda deverão acontecer, mas acredita-se que este momento tenha sido o mais decisivo deste eixo, em todo o seu percurso rumo à conquista do perfil do egresso, mesmo que críticas superficiais tenham atribuído às interdisciplinas Conjuntos Musicais Escolares e Música Aplicada o ônus de grandes vilãs do processo de exclusão de alunos nelas reprovados.

Música Aplicada e Conjuntos Musicais Escolares 2010

Nos primeiros dois anos de curso, as principais preocupações estiveram em garantir a inclusão digital, a musicalização dos alunos e a consolidação de suas permanências no curso pelo maior tempo possível, fortalecendo neles as capacidades necessárias ao aproveitamento integral de oportunidades de ajustamento a essa nova realidade em suas vidas. Tendo conseguido atingir em boa parte

Repertório Musicopedagógico													
Avaliação N2 2009/02													
Releitura de Canção CDG													
Nome do aluno	Polo	Cartão	Turma	Arranjo			Uso da Voz		Efeitos		Releitura	Tentativa de melhora	Observações
				Solo	Coro	Vozes femininas	Vozes masculinas	Falada Cantada	Onomatopéias	Ruídos do corpo			
Aluno 1	X	X	X										
Aluno 2	X	X	X										
Aluno 3	X	X	X										

(a) Modelo de Ficha de Avaliação do Eixo de Execução Musical 2009/2 - Aba Releitura de Canção.

Repertório Musicopedagógico															
Avaliação N2 2009/02															
Canção Própria															
Nome do aluno	Polo	Turma	Cartão	Gravação	Partitura	Partitura confere com a gravação?	Partitura				Voz				Observações
							Compasso (p & sz)	Páginas	Dados do compositor (nome, número, polo, turno)	Partitura	Caráter	Escrita para voz	Execução	Mantenção total	
Aluno 1	X	X	X												
Aluno 2	X	X	X												
Aluno 3	X	X	X												

(b) Modelo de Ficha de Avaliação do Eixo de Execução Musical 2009/2 - Aba Composição Própria.

Figura 13.33

estes objetivos, o enfoque a partir do quinto semestre letivo, início do terceiro ano de projeto e tecnicamente metade do percurso a ser vencido, passou a ser no investimento de aprofundar os conhecimentos musicais, pedagógicos e tecnológicos necessários a um professor de Música que atua na Escola Básica. Em outras palavras, a meta primordial passou a ser o perfil do egresso. Assim, conteúdos ainda não totalmente aprendidos pelos alunos foram retomados e outros assuntos de caráter regulador foram incluídos. Sabia-se que não era mais aos slides orientadores de conteúdos, que deveria ser direcionado o foco de atenção e acompanhamento dos alunos, pois esta dificuldade mais concreta já deveria ter sido superada; o que deveria ser proposto de forma mais explícita, mais incentivado e certamente também mais cobrado era um conjunto de repertórios e atividades práticas musicais, acompanhadas do respectivo suporte pedagógico e da capacidade crítico-propositiva pertinente, realizados com qualidade e autonomia crescentes.

As unidades de estudo das duas últimas interdisciplinas do eixo Execução Musical tiveram um núcleo comum de informações, basicamente contidas nas telas de Conteúdos e Materiais de Apoio; a diferença esteve na proposição das telas de Atividades. Seguindo as respectivas Súmulas, na interdisciplina Música Aplicada (MA), conforme o nome sugere, se trabalhou “[...] sobre conceitos e aplicações da música em dois enfoques: no campo científico e puramente musical (como música e história, música e terapia, música e dança...); e aplicada ao ensino [...]” (PROLICENMUS, 2010b). Ao passo que na interdisciplina Conjuntos Musicais Escolares (CME), foram trabalhados

[...] conceitos básicos relacionados à estruturação e ao funcionamento de conjuntos musicais escolares, ao uso da voz cantada como instrumento do desenvolvimento da percepção da afinação e ritmos musicais, a conjuntos instrumentais de ênfase rítmica como elementos formadores da percepção rítmica musical, ao corpo como instrumento de exploração rítmica, à atividade vocal de conjunto e à atividade instrumental de conjunto em suas diversas manifestações pertinentes à formação musical em escolas. Tudo isso, sob um enfoque predominantemente prático (PROLICENMUS, 2010a).

Neste contexto, para o estudante de MA, o objetivo foi “[...] cumprir as tarefas direcionadas ao enfoque prático de ensino, devidamente suportado pelo conteúdo abordado.” (PROLICENMUS, 2010b). Para isso, foram disponibilizadas aos alunos *receitas prontas* de atividades de sala de aula, baseadas nos principais pensadores da área de Educação Musical de todos os tempos, as quais deveriam funcionar como uma espécie de “[...] resumo com aplicação dirigida dos princípios de pensamento de cada autor referenciado.” (PRO-

LICENMUS, 2010b). Paralelamente, ao estudante de CME coube cumprir o objetivo de submeter-se ao “papel de estudar previamente os conteúdos (teóricos e práticos) apresentados nas unidades de estudo, estando assim preparado para ser conduzido nas atividades coletivas por um colega da interdisciplina de Música Aplicada” (PROLICENMUS, 2010a). Observa-se, pelos conteúdos propostos, pelas abordagens e pelos objetivos destas duas interdisciplinas, que houve um processo intencional de condução didático-pedagógica capaz de promover a passagem do foco no desenvolvimento individual para o da criação coletiva colaborativa. Este modo de produção exigiu novas formas de propor a N2, por intermédio das quais fosse possível verificar o desempenho individual de cada aluno em um processo construído coletivamente. E vice-versa.

A partir do primeiro semestre de 2010 se passou a desenvolver, explicitamente, dinâmicas de Defesa de Produção Intelectual como parte integrante das avaliações de N2. Explicitamente, porque de forma implícita, tais defesas já vinham sendo preparadas nas observações críticas de obras e artistas consagrados, desde os tempos de Espetáculos Escolares, à medida que a fruição então proposta também apontava modelos e promovia a inspiração que subsidiariam decisões decorrentes do desejo de tornar-se de um certo modo ou definitivamente diferente dele... por opção sustentável. Neste primeiro semestre, 2010/1, a atividade de Defesa consistiu em uma apresentação gravada em vídeo, sob forma de relato com exemplos, de conteúdos e atividades desenvolvidas no decorrer do semestre relacionados ao percurso de cada aluno na interdisciplina. Houve total liberdade de expressão, inclusive com relação ao tempo de gravação, vocabulário e de certa forma até na escolha de assunto específico. A planilha desenvolvida como guia de avaliação para as bancas foi publicada com antecedência aos alunos, no Moodle, tendo por objetivo apoiar cada um na estruturação de sua própria apresentação. Essa planilha (Figura 13.34) indicava: (1) aspectos cognitivos, como domínio do conteúdo teórico, consistência argumentativa, relação entre estudo e prática docente; (2) aspectos sócio-afetivos, como expressividade e desembaraço, comunicação e linguagem, fluência na sequência de ideias; (3) fatores delimitantes, como utilização do tempo, utilização de recursos de apoio; e (4) autoavaliação, prevendo evidências relativas à participação individual no grupo, à constatação de aprendizagens, e à comparação de rendimento efetivo no conhecimento de conteúdos frente aos estabelecidos pelo Plano de Ensino divulgado no início do semestre. Na planilha, cada subitem vinha acompanhado da explicação do seu significado, ou seja, detalhava o que deveria ser observado no momento da apresentação. Desta vez, os avaliadores atribuíram peso à qualidade demonstrada em cada um dos subitens, empregando os conceitos pertinentes ao processo avaliativo

POLO	NOME	CARTÃO	TURMA	Aspectos Cognitivos					Aspectos Sócio afetivos					Fatores Delimitantes					Auto avaliação					PONTOS					
				Domínio do conteúdo teórico	Consistência Argumentativa	Relação entre estudo e prática docente	Expressividade e desembaraço	Comunicação e linguagem	Fluência na sequência de ideias	Utilização do tempo	Utilização de recursos de apoio	Participação individual no grupo	Constatação de aprendizagens	Comparação de rendimento efetivo	A	B	C	D	NI	A	B	C	D		NI	A	B	C	D
X	Aluno 1	X	X	A	B	C	D	NI	A	B	C	D	NI	A	B	C	D	NI	A	B	C	D	NI	A	B	C	D	NI	0
X	Aluno 2	X	X																										0
X	Aluno 3	X	X																										0

Figura 13.34: Modelo de Ficha de Avaliação do Eixo de Execução Musical 2010/1

previsto no PPC, sendo A, B ou C, em ordem decrescente para a aprovação, D para reprovação e NI para falta de entrega da tarefa.

Com o intuito de recuperar lacunas observadas na criação de canções individuais no âmbito da interdisciplina Repertório Musicopedagógico, oferecida no ano anterior, no segundo semestre de 2010 se buscou retomar à composição de canções. Desta vez, porém, de forma coletiva e colaborativa, permanecendo ainda a ênfase de MA na estruturação pedagógica dos conteúdos e de CME na execução deles. A fim de promover a interação entre as turmas, formadas nacionalmente, foi criado o Espaço de Criação Colaborativa de MACME⁹¹. Neste espaço havia: (1) um Fórum Geral, que servia para tirar dúvidas sobre as atividades propostas; (2) um Fórum Permanente do Grupo, que tinha por objetivo ser um espaço de postagem e correção do material produzido pelos alunos (organizados em grupos); e (3) um Diário de Participação, fórum criado para que os alunos registrassem suas participações individuais e coletivas nas atividades semanais do seu grupo, já preparando a Defesa de Produção Intelectual do semestre.

Ao cabo desse processo de suporte à aprendizagem, o produto coletivo esperado, a realização de um videoclipe com a canção composta pelo grupo, constou como parte integrante da N2. Para a concretização deste trabalho foram oferecidas dezenove atividades distribuídas em quinze unidades de estudo, conforme os conteúdos abordados a cada semana. O trabalho se iniciou com a organização dos alunos em grupos e passou por: (1) pesquisa do tema escolhido para a canção; (2) mapa conceitual da temática escolhida pelo grupo; (3) elaboração e leitura expressiva do poema criado pelo grupo; (4) transcrição rítmica do poema; (5) criação melódica a partir das leituras expressivas do poema; (6) gravação de versões de caráter e definição de estilo para o acompanhamento da canção; (7) determinação da forma da canção; (8) escolha do acompanhamento harmônico; (9) registros da canção em gravações e partitura; e (10) construção de um videoclipe da canção. Cada videoclipe teve dois avaliadores, que observaram aspectos diferentes (Figura 13.35). Os tópicos verificados pelo primeiro avaliador foram: (1) áudio condizente com gravação; (2) partitura condizente com áudio; (3) aspectos de participação coletiva no canto; (4) aspectos de participação coletiva no vídeo; (5) evidências de compreensão musicopedagógica; (6) coerência de caráter entre canção escrita e o áudio correspondente; e (7) coerência de caráter entre canção e imagens utilizadas. Os tópicos verificados pelo segundo avaliador foram: (1) relevância da intenção da obra proposta; (2) aspectos gerais de acabamento, atuação, cenário, figurinos, adereços, créditos;

⁹¹O uso de um espaço coletivo já havia sido ensaiado no primeiro semestre, tendo sido acolhido na interdisciplina Projeto Individual Progressivo E.

(3) seleção e edição das imagens, produção e edição de áudio auxiliares; e (4) afinação.

A dinâmica da Defesa de Produção Intelectual, valendo como N2 de 2010/2, foi iniciada com a orientação sobre o preenchimento de uma ficha de autoavaliação, que cada aluno deveria trazer completamente pronta no dia da avaliação presencial de N2. Nesta ficha, constava uma planilha de todas as atividades solicitadas no decorrer do semestre e as seguintes perguntas: Fiz o melhor que poderia ter feito, por mim e por meu grupo? Aprendi muito ou pouco? O que foi mais significativo? Por quê? Como poderia ter aproveitado mais as oportunidades que esta interdisciplina me ofereceu? Que sugestões teria para os ministrantes desta interdisciplina? Concomitantemente, foi disponibilizado roteiro do acompanhamento das atividades de cada grupo, indicando se a tarefa havia sido feita, se deveria ser refeita ou se não havia registro de entrega da tarefa. Solicitou-se, então, que cada aluno comparasse as atividades entregues e marcasse um conceito, entre A e D, para o seu desempenho naquela tarefa, sendo A desempenho plenamente satisfatório e D a não realização da atividade. No dia da avaliação de N2, cada aluno deveria trazer sua autoavaliação preenchida, lendo-a para os colegas. Ao final da leitura da autoavaliação de cada integrante do grupo, os alunos tinham 40 minutos para debater sobre as respostas dadas, de forma abrangente. Conforme consta no Espaço de Criação Colaborativa de MACME, no Moodle, no tópico Parecer aos Grupos sobre os Conceitos de N2, durante a correção dos debates, foram observadas manifestações que evidenciassem:

a) apreensão e compreensão do conteúdo pedagógico e musical do semestre; b) concisão e consistência na explicitação sobre qual e como foi a participação do aluno no grupo e do grupo como tal, ao longo do processo e na etapa de finalização produto (vídeo-clipe); c) postura aberta e flexível, por parte do aluno, frente à proposta de trabalho (composição de canção escolar em produção coletiva e colaborativa); d) compreensão dos aspectos de interdisciplinaridade inerentes à realização das atividades propostas; e) atendimento ao passo-a-passo semanal proposto nas unidades de estudo no decorrer do semestre; f) capacidade para avaliar-se, comparando seu desempenho individual frente ao desempenho do grupo, o desempenho do grupo frente à proposta de trabalho, e o desempenho dos colegas entre si.

Ao serem corrigidos os vídeos, constatou-se que as discussões realizadas nos polos tiveram aspectos comuns a todas elas, à medida que traziam muitas observações superficiais, de baixo poder argumentativo; contudo, evidenciavam

também grande seriedade na condução dos debates e em momento algum nem mesmo a menor conduta de desrespeito para com colegas. Antes pelo contrário, algumas vezes foi possível perceber tentativas de “proteger” aqueles, cujo desempenho estava mais fraco em relação ao grupo, trazendo contribuições que, nitidamente, procuravam disfarçar erros cometidos por eles. Ficou claro o intuito de garantir parceria, unidade e harmonia ao grupo, mostrando coletivamente um resultado melhor, do que eventuais participações e posturas individuais. Essa característica positiva e de certo modo desejável nos polos, obviamente tornava ainda mais delicado o processo de correção.

Música Aplicada e Conjuntos Musicais Escolares 2011

Por intermédio da análise dos produtos desenvolvidos pelos alunos no ano anterior, a proposta de formação de grupos e criação coletiva e colaborativa demonstrou ter alcançado resultados musicais e pedagógicos muito satisfatórios, considerando o nível inicial das produções anteriores dos alunos. Também eles perceberam tais progressos no seu desempenho musical e pedagógico sendo, inclusive, motivo de solicitação, por parte dos alunos, que os formatos de trabalho permanecessem ocorrendo em grupo nos períodos seguintes. Assim, foram mantidas as estruturas de acompanhamento (Fórum de Dúvidas, Fórum Permanente de Grupos e Diários de Participação) e a proposta de criação coletiva e colaborativa. Conforme dito anteriormente, a partir da segunda metade do curso, o enfoque do eixo de Execução Musical foi se tornando cada vez mais centrado na produção musicopedagógica dos alunos, de modo que as unidades de estudo no formato texto/ hiperlinks não correspondiam mais às necessidades. Fez-se necessário, então, a criação de Objetos Virtuais de Aprendizagem (OVAs)⁹², para os quais o formato de Vídeos Interativos de Aprendizagem se tornou uma necessidade imperiosa. Mais uma vez se pode confirmar a importância das ações multidisciplinares e competências distintas existentes entre os integrantes das diferentes equipes do projeto, pois foi lançado sobre o grupo responsável pelas questões de Informática na Educação o desafio de encontrar uma solução para este problema.

Foi a partir de uma necessidade real e urgente, que foi desenvolvido, especialmente para o projeto, o *software* ViA⁹³ (SCHRAMM, 2012). Assim, o

⁹²Segundo o Learning Technology Standards Committee/IEEE (apud BEHAR; BERNARDI; SOUZA, 2007, p.2) OVA é qualquer entidade, digital ou não digital, que possa ser utilizada, reutilizada ou referenciada durante o aprendizado mediado por tecnologias.

⁹³Este *software* possibilita a criação de Vídeos Interativos de Aprendizagem (ViA), que permitem a visualização, o acompanhamento e a manipulação de videoaulas de maneira interativa. Diferente de uma videoaula tradicional, que possui uma linha de tempo engessada e unidirecional, no máximo

primeiro semestre de 2011 teve dois objetivos principais: (1) recuperar conteúdos musicais e de composição de canções que se mostravam ainda deficientes; e (2) orientar os alunos para que, em grupo, desenvolvessem um jogo musical com canção própria, preparando arquivos individuais que seriam, no semestre seguinte, utilizados no ViA, o que só foi avisado aos alunos na UE_15, a fim de não preocupá-los desnecessariamente. A avaliação de N2 buscou considerar tanto a produção coletiva de um Jogo Musical, quanto o desenvolvimento pessoal de cada aluno, mais uma vez por intermédio da Defesa de Produção Intelectual. Desta vez, sempre ampliando desafios anteriores, a referida Defesa tinha tempo e assunto previamente fixados, e seu vídeo não poderia ser editado. Para isso, foi elaborada uma planilha de avaliação, que considerava produtos entregues e momento de defesa. Os itens de avaliação do produto (Figura 13.36) foram: (1) execução coletiva do arranjo; (2) execução coletiva do jogo inventado; (3) partitura devidamente musicografada e com o respectivo arranjo; (4) mapa conceitual do assunto específico a ser ensinado por meio do vídeo criado; (5) ficha de análise musical (modelo CDG); (6) ficha com padrões de movimento da coreografia criada; e (7) ficha do jogo desenvolvido. A UE_15 de MA e CME, intitulada Criação de um Jogo Musical, disponibilizou aos alunos, além desses itens, os critérios de avaliação mediante os quais seriam atribuídos os conceitos.

A Defesa de Produção Intelectual de 2011/1 continuou sendo coletiva, realizada pelos grupos formados no início do semestre; contudo, a dinâmica adotada foi, mais uma vez, outra. Neste semestre, cada aluno sorteou, no início da prova, um dos dez pontos de prova referentes aos assuntos abordados nos ViAs construídos pela equipe de tutores e coordenadora do eixo de Execução Musical. Após cinco minutos para organizar sequencialmente os dez pontos de prova, iniciava-se a apresentação, que deveria ser gravada na íntegra e filmada sem cortes pelo tutor de polo⁹⁴, por um tempo de cinco minutos. Na sequência da apresentação do ponto de prova, os demais integrantes do grupo tinham mais cinco minutos para fazerem acréscimos à apresentação do colega e este poderia aproveitar tais contribuições para melhorar sua própria atuação. O objetivo da Defesa de Produção Intelectual deste primeiro semestre de 2011, conforme texto encontrado em sua Folha de Orientações de prova, foi:

podendo ser pausada, o ViA propõe o desenvolvimento de uma linha de tempo dinâmica e aberta, onde, de acordo com as escolhas que são tomadas durante sua navegação, o sistema direciona o aluno para tópicos específicos de sua escolha, parando o tempo do vídeo principal para nele inserir objetos ilustrativos (vídeos secundários e/ou outros componentes linkados nele), com suas próprias dinâmicas e dimensões temporais. (SCHRAMM; NUNES, 2011)

⁹⁴A apresentação consistia na explanação oral dos conteúdos, exemplificados musicalmente, comprovando-se domínio deles, podendo contar com suporte de outros recursos e materiais, pois os exemplos deveriam ser executados ao vivo.

Tabela de Avaliação N2 (2011/01) de MA e CME																						
01_polo_grupo	Registro de Atividades																					
	Atividade 01 e 02		Atividade 03 e 04		Atividade 05 e 06		Atividade 07 e 08		Atividade 09		Atividades de N3		Atividade 10		Atividade 11		Atividade 12 e 13			Atividades Finais		
Registro de Atividades	Partitura	Vídeo do Refêro	Partitura (forma)	Vídeo da performance	Audiocom com infusão	Texto com cadências e cadências	Vídeo com declamação e cadências	Partitura(melodias, lin, infusão e cadências)	Roteiro	Vídeo Composicional	Roteiro	Vídeo Composicional	Mapa conceitual	Padrão coreográfico	Sem necessidade de entrega	Ficha CDG da Microcanção	Elemento musical escolhido	Partitura musical (arranjo)	Mapa conceitual	Ficha do jogo	Padrões de movimento	Vídeo Final
Escreva as 4ª e 4ª da Prova N2 (OK = Correção Não Entregue)																						
Observações	Ok = entregue e conferido / FF = não entregue / CP = correção pendente e NI = não informado																					
Resultado Final do Jogo	Execução do arranjo		Execução do arranjo		Execução do arranjo		Execução do arranjo		Execução do arranjo		Execução do arranjo		Execução do arranjo		Execução do arranjo		Execução do arranjo		Execução do arranjo		Execução do arranjo	
(5=ótimo), B (4 = bom), C (3 = intermediário), D (2 = insatisfatório), E (1 = ruim) = Pésimo) ou FF	Ficha de Análise Musical		Ficha de Análise Musical		Ficha de Análise Musical		Ficha de Análise Musical		Ficha de Análise Musical		Ficha de Análise Musical		Ficha de Análise Musical		Ficha de Análise Musical		Ficha de Análise Musical		Ficha de Análise Musical		Ficha de Análise Musical	
Defesa de Produto Intelectual	Cartão		Cartão		Cartão		Cartão		Cartão		Cartão		Cartão		Cartão		Cartão		Cartão		Cartão	
Aluno 1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Aluno 2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Aluno 3	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Defesa de Produto Intelectual	Turma		Turma		Turma		Turma		Turma		Turma		Turma		Turma		Turma		Turma		Turma	
Defesa de Produto Intelectual	Observações sobre a participação individual na defesa		Observações sobre a participação individual na defesa		Observações sobre a participação individual na defesa		Observações sobre a participação individual na defesa		Observações sobre a participação individual na defesa		Observações sobre a participação individual na defesa		Observações sobre a participação individual na defesa		Observações sobre a participação individual na defesa		Observações sobre a participação individual na defesa		Observações sobre a participação individual na defesa		Observações sobre a participação individual na defesa	
Conceito Individual Final de Defesa	Conceito Individual Final de Defesa		Conceito Individual Final de Defesa		Conceito Individual Final de Defesa		Conceito Individual Final de Defesa		Conceito Individual Final de Defesa		Conceito Individual Final de Defesa		Conceito Individual Final de Defesa		Conceito Individual Final de Defesa		Conceito Individual Final de Defesa		Conceito Individual Final de Defesa		Conceito Individual Final de Defesa	
Conceito coletivo	Conceito coletivo		Conceito coletivo		Conceito coletivo		Conceito coletivo		Conceito coletivo		Conceito coletivo		Conceito coletivo		Conceito coletivo		Conceito coletivo		Conceito coletivo		Conceito coletivo	

Figura 13.36: Modelo de Ficha de Avaliação do Eixo de Execução Musical 2011/1

[...] medir as capacidades do professor de Música, que cada um está conseguindo se formar. Assim, medirá se o aluno em prova é capaz não apenas de demonstrar conhecimentos e comprovar publicamente aquilo que sabe (o que corresponderá aos primeiros cinco minutos de prova de cada ponto sorteado), mas também saber ouvir os colegas, respeitando suas intervenções e aproveitando o que cada um dos presentes poderá dizer, para aprofundar as suas próprias explicações (o que corresponderá aos cinco últimos minutos de prova de cada ponto sorteado).

Os critérios para avaliação desta atividade foram divididos em dois enfoques. O primeiro foi referente ao desempenho individual, abordando domínio do conteúdo apresentado e existência de exemplificação pertinente. O segundo se referiu ao desempenho individual frente à condição coletiva, evidenciando segurança e postura de apoio ao desempenho dos colegas. Observou-se, também para efeitos de avaliação individual, como cada um abordava, diante do grupo, sua própria percepção de tópicos relevantes, que tenham sido eventualmente esquecidos pelos colegas, e como encaminhava correspondente complementação e/ou enriquecimento deles mediante a oferta e a pertinência de novos exemplos, críticas e sugestões relacionadas aos temas, no sentido de ajudar os demais.

No segundo semestre de 2011, último do eixo Execução Musical, o foco esteve em dois objetivos principais: (1) revisão de conteúdos trabalhados no decorrer do curso, devido à constatação de que ainda persistiam problemas de compreensão, principalmente no que se referia ao desenvolvimento técnico do instrumento e aos conteúdos de musicalização, exigidos num momento muito inicial do curso; e (2) orientação para construção de Objetos de Virtuais de Aprendizagem, a serem integrados aos Trabalhos de Conclusão de Curso individuais. Os objetos virtuais de aprendizagem de cada grupo (OAs) foram desenvolvidos a partir do conteúdo de uma das unidades de estudo do eixo Execução Musical, por livre escolha de cada grupo. Assim, conforme o texto da Folha de Orientações da atividade, os grupos deveriam ocupar-se em montar no *software* ViA um OA que contivesse:

[...] uma microcanção (de composição coletiva ou escolhida dentre as criadas por integrantes do próprio grupo), com sua partitura e seu jogo musical correspondente, incluindo movimento [...] [com] todas as respectivas fichas de análise e proposição (musical, descrição e regras, padrões de movimento e mapa conceitual).

A Defesa de Produção Intelectual do segundo semestre de 2011 permaneceu sendo coletiva, nos mesmos grupos em que os alunos desenvolveram as

atividades durante o semestre. A prova se iniciava com o sorteio de uma microcanção⁹⁵, dentre as estudadas no decorrer do semestre. Em seguida, o grupo tinha uma hora para preparar a apresentação do ponto de prova. Após esse tempo, cada aluno, no tempo de até cinco minutos, deveria: (1) executar a microcanção sorteada, empregando todos os recursos e habilidades musicais de que dispunha; (2) explicitar os elementos musicais nela presentes; e (3) selecionar um dentre os elementos anteriormente citados, explorando seu potencial musicopedagógico, com base em ferramentas e conteúdos estudados no eixo de Execução Musical, assim como empregando conhecimentos adquiridos ao longo de todo o curso. Ao término de cada explanação individual, os demais integrantes daquele determinado grupo deveriam submeter o apresentador a uma sabatina, com o intuito de recapitular matérias estudadas e efetivamente proporcionar situações, nas quais o colega avaliado pudesse explorar ao máximo suas boas qualidades. O tempo total entre apresentação do ponto de prova e arguição não deveria ultrapassar 10 minutos para cada pessoa. Os tópicos considerados na avaliação, todos de conhecimento prévio por parte dos avaliados (Figura 13.37), foram: (1) execução da microcanção, em termos de afinação, fluência, e expressividade; e (2) abordagem musicopedagógica, mencionando assuntos referentes a ritmo, melodia, harmonia, forma, caráter, coreografia e/ou texto. Isso porque os alunos deviam escolher um deles para se aprofundarem no momento da gravação da prova.

Na atribuição dos conceitos, foram decisivos: (1) a qualidade da explicitação, prevalecendo aspectos quantitativos; (2) a precisão da informação dada, privilegiando aspectos qualitativos; e (3) a pertinência entre elemento abordado e exemplos dados. Na avaliação do momento da sabatina, observou-se adequação da reação do aluno examinado frente a perguntas, críticas e sugestões formuladas pelos colegas, assim como o aproveitamento dos tópicos apontados por eles, no sentido de melhorar seu próprio desempenho. Ao mesmo tempo, também se verificava o desempenho individual daquele que fazia a arguição, observado aspectos de pertinência do assunto trazido e de respeito ao colega examinado. Nos dois casos, a precisão da informação prestada sempre foi pontuada com rigor.

⁹⁵ Pequenas peças criadas no âmbito do grupo de pesquisa CNPq Proposta Musicopedagógica CDG, com no máximo oito compassos, para canto/acompanhamento cifrado, que contém conteúdos de ensino bem delimitados, intencionalmente compostas para uso em sala de aula.

Considerações Finais

Este texto apresentou um recorte específico de um conjunto muito maior de experiências significativas oferecidas e geradas pelas interdisciplinas, que compuseram o eixo Execução Musical, qual seja, o recorte correspondente às avaliações N2 feitas ao longo dos semestres, em que tais interdisciplinas foram ministradas. Pode-se constatar um crescimento no nível de exigência das provas realizadas ao longo do tempo, mesmo que em alguns momentos tenha sido considerado necessário retroceder um pouco neste movimento de rigor paulatinamente imposto. O índice de reprovação nos dois últimos semestres das interdisciplinas Conjuntos Musicais Escolares e Música Aplicada foi muito alto, conduzindo à errônea interpretação de que tais interdisciplinas tenham sido as responsáveis pela exclusão em massa de alunos. Essa foi uma generalização apressada, pois, na realidade, tais interdisciplinas apenas estiveram posicionadas num momento de final de curso, no qual não mais seria possível postergar o rigor avaliativo frente ao perfil do egresso para tempos futuros deste curso. O impasse real se estabeleceu no final do segundo ano letivo, na interdisciplina Repertório Musicopedagógico, quando foram beneficiadas por avaliações facilitadas, pessoas que não estavam evidenciando rendimento satisfatório. Em linhas gerais, ainda hoje se acredita que, acima de tudo, ter facilitado a permanência de matrícula dos alunos pelo maior tempo possível no curso tenha sido a melhor decisão a ser tomada. Isso porque vários deles, com um tempo maior à disposição, puderam encontrar formas de se adaptarem e corresponderem ao grau de exigência da UFRGS, tendo conseguido recuperar seus conhecimentos e chegarem a formatura. É possível, porém, que outros tenham utilizado de modo inadequado essa oportunidade, relaxando, em lugar de intensificar, seus estudos (pesquisa ainda em andamento).

Ao analisar os índices e o fluxo de matrículas ao longo do tempo (pesquisa ainda em andamento), constata-se que, de fato, caso a situação de Repertório Musicopedagógico ao final do segundo ano tivesse sido solucionada de outro modo, certamente teria provocado na época o desligamento de um número bem maior de alunos, do que aquele dos reprovados em Conjuntos Musicais Escolares e Música Aplicada, ao final do curso. Optou-se por proporcionar mais tempo, para que as pessoas pudessem se empenhar em ações de recuperação; contudo, a meta de atingir o perfil do egresso jamais foi abandonada, sequer minimizada em importância. Em muitos momentos e de diversos modos isso foi repetido incansavelmente, mas em específico no documento Observações sobre Avaliação N2 2009/2, disponibilizado no ambiente virtual de aprendizagem do curso, no Moodle. Nele ficou muito claramente explicitado, que a partir da segunda metade do curso as exigências acadêmicas aumentariam. Tantas vezes isso foi

repetido, que para alguns estava tomando proporções de ameaça e intimidação, o que nunca fora a intenção. Ao perceber tal distorção, por intermédio de manifestações enviadas à COMGRAD e escritas nos diversos fóruns, ao final do semestre 2011/1, quando ainda havia algum tempo disponível, a própria coordenadora do curso e professora das interdisciplinas CME e MA visitou todos os polos. Na ocasião, conversando individualmente com cada aluno e, por intermédio de testes com correção coletiva e entrevistas, mostrando-lhes a condição real, na qual se encontrava seu rendimento frente à expectativa firmada no PPC, articulou um processo intensivo de recuperação com foco na escrita e leitura musicais. Comprometeu-se com a oferta de um programa de atividades adicionais para composição e solfejo de microcanções, corrigidas e devolvidas semanalmente. Isso de fato aconteceu; porém, nem todos os alunos aproveitaram a oportunidade, já que eram atividades opcionais e “nem valiam nota”. Uma análise preliminar (pesquisa ainda em andamento), todavia, demonstra que foi significativo o índice de formandos, dentre o grupo que se dedicou ao referido programa de recuperação. Entende-se que pessoas alheias ao processo completo de ofertas, acompanhamentos e avaliações do eixo Execução Musical puderam se declarar surpresas com os resultados; mas quem honestamente acompanhou o caminho de construção de autonomia e aquisição de conhecimentos proposto sabia perfeitamente de sua situação particular frente ao perfil do egresso e de tudo o que estava ocorrendo em torno de sua obrigatoriedade. E sabe não ter havido injustiças.

A pergunta que permanece se refere então ao momento mais justo, para se aplicar o ponto de corte de alunos distanciados do referido perfil do egresso, num curso desta natureza. No caso do PROLICENMUS, o objetivo sempre foi facilitar o ingresso e a permanência dos alunos no curso; contudo, a receptividade ao ingresso e a disposição docente para apoiar a aprendizagem não foram (nem são) os únicos componentes para obtenção de um perfil de egresso. Há também o componente que depende unicamente do empenho e das capacidades individuais do educando, para apropriar-se dos conteúdos e dos comportamentos inerentes a tal perfil. E isso exige tempo e condições apropriadas. No caso do PROLICENMUS, o tempo estava circunscrito em nove semestres. Entre tais condições, entende-se que houve uma metodologia de ensino capaz de acolher e conduzir o educando por etapas seguras de desenvolvimento. Este texto as expôs sem rodeios, explicitando aquilo que se pode oferecer e submetendo tal oferta a críticas e sugestões. Entende-se, que foi proposto um modelo diferenciado de formação, mais integrado e integral do que o convencionalmente oferecido; por isso também muito mais exigente e intencionalmente preocupado em movimentar convicções e ideias pré-concebidas. Propôs-se um modelo para construção do próprio conhecimento, que efetivamente quebrou alguns para-

digmas, arriscou-se, e aceitou ser redimensionado até o limite máximo possível; contudo, um modelo que não se afastou de seu compromisso com a qualidade do ensino ministrado, nem com a qualidade profissional do egresso. O processo avaliativo do eixo Execução Musical, ao resumir o conjunto de exigências pertinentes ao perfil do egresso, extrapolou limites disciplinares restritos e se constituiu também num consistente elemento formativo. Não falhou, pois os alunos egressos do PROLICENMUS em nada deixam a desejar aos demais profissionais formados da área, conforme vem demonstrando sua inserção no mercado de trabalho (vide alguns exemplos citados no capítulo Destinos Individuais no segundo volume desse livro.) e, para além disso, já estão se destacando em eficiência e amor pela profissão, conscientes do privilégio que representou, terem se dedicado com determinação ao aprimoramento de suas vocações enquanto professores de Música.